

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

CARTOGRAFIA SOCIAL DE PARACATU DE BAIXO, MARIANA (MG)



**BOLETIM
INFORMATIVO**

10



Coordenação Geral:

Patrícia Maria Portela Nunes
Cynthia de Carvalho Martins
Emmanuel de Almeida Farias Júnior
Alfredo Wagner Berno de Almeida

Apoio/financiamento: Climate and Land Use Alliance - CLUA

Realização: GESTA, PNCSA e Atingidos pela Barragem de Fundão em Paracatu de Baixo

GESTA/UFMG: Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais
Departamento de Antropologia e Arqueologia -
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Projetos: “O Desastre e a Política de Afetações” –

Apoio: FAPEMIG/CAPES

“Mineração: desastre sociotécnico e a gestão da crise”

Apoio: CNPq e PRPq/UFMG

Coordenação:

Profª. Drª. Andréa Luisa Zhouri Laschefski (DAA-UFMG)
Profª. Drª. Raquel Oliveira Santos Teixeira (DSO-UFMG)

EQUIPE DE PESQUISA:

Ana Beatriz Nogueira Pereira	Lúnia Costa Dias
Flávia Amboss Merçon Leonardo	Marcos Cristiano Zucarelli
Ilklyn Barbosa da Silva	Maryellen Milena de Lima
Jéssica Lorrany de Jesus Silva	Max Vasconcelos Magalhães
Júlia Figueiredo Bellini	Rafael Martins Lopo
Prof. Dr. Klemens Laschefski	Thomás Mota Coelho Nascimento

PNCSA/UFAM

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Coordenação Geral

Prof. Dr. Alfredo Wagner Berno de Almeida
(UEMA/UEA, CNPq)
Profª. Drª. Cynthia de Carvalho Martins
(PPGCSPA/UEMA)
Profª. Drª. Rosa Acevedo Marin
(UFPA/NAEA/PNCSA)

Cartografia

Mônica Cortêz Pinto

Edição: Fevereiro de 2020

Projeto gráfico: Marcela Costa de Souza

Apoio: Cáritas Brasileira

Promoção da Assessoria Técnica aos Atingidos e Atingidas pela Barragem de Rejeitos da SAMARCO (Vale e BHP Billiton) em Mariana-MG

Equipe Cáritas - Participantes nas oficinas

Ana Paula dos Santos Alves - Carmen Gomes Macedo -
Débora D. Rosa - Débora Sá - Felipe Cardoso Vale Pires -
Hélio Sato - Juliano Scarpelin - Luanna Gerusa do Carmo
Ferreira - Luiz Carlos de Oliveira - Maiara Bitencourt de
Lima - Michelle de Fátima Estevão.

Oficinas participativas - “Mapeamento e Levantamento dos Danos Coletivos e Particulares” - realizadas em 18 e 19 de fevereiro de 2017 e 23 de setembro de 2017, no Centro da Pastoral em Mariana-MG.

Campanhas de visitaçao e reconhecimento do território - “Mapeamento participativo na comunidade de Paracatu de Baixo, Mariana/MG” - realizadas em duas etapas, sendo a primeira nos dias 10 e 11 de março de 2017 e a segunda etapa nos dias 21, 22 e 23 de abril de 2017.

Transcrição e fotografias: Equipe GESTA-UFMG

Moradores de Paracatu que participaram das atividades:

Agostinho Henrique Santos - Alexandra Aparecida de Sales -
Angélica Geralda Lourenço Peixoto - Antônio Geraldo de Oliveira
(Nié) - Antonio Raimundo Teotônio - Arlei Ednei Izaías - Arlinda da
Silva - Aureliana M. Gonçalves - Caetano Paulino da Silva - Catarina
Camila da Silva - Clarisse da Cássia Silva - Constância Catarina
Ramos Cerceau (Dona Gracinha) - Constância das Graças de Sales -
Cor-Jesus Mol Peixoto - Dayane Maria Ferreira - Daniel Lourenço
Peixoto - Deivid de Sales Marcelino - Edinaldo Jose da Silva
(Carudo) - Evimar Francisco Sales - Flávia Henriqueta da Silva -
Geraldo de Paula - Glória Maria da Silva - Heleno de Souza
Idelfonso - Heli Coelho Mauriz (Galego) - Izolina das Dores Izaías -
Jairo da Paz Cota - Jerônimo Batista - João Caetano Gonçalves -
José Pascoal - Julio Luciano Ramos da Silva - Luciene da Silva
Gonçalves - Luiz Cacio Gonçalves de Souza - Luzia N. M. Queiroz -
Maria Aparecida Luiz (Dadá) - Maria do Carmo Sena Silva - Maria
Emília Ramos - Maria Geralda Oliveira da Silva - Maria Imaculada
da Silva - Maria Lourenço Nascimento - Maria Salete dos Santos
Gonçalves - Marina Drumond de Melo - Naife Cerceau (José Lins) -
Nilton Cesar Gonçalves - Osmar Batista - Paulo Batista Idelfonso -
Roberto Carlos de Paula - Rosalina Alves de Souza Idelfonso -
Sérvulo Caetano da Silva - Simone Batista - Sirlei Aparecida Batista
- Sirlene Batista - Soraia Cristina Miranda Moreira - Terezinha
Cândida Silva - Valdete J Izaías - Valquíria Aparecida Gonçalves -
Vera Lucia da Paixão - Viviane Auxiliadora Gonçalves.

FICHA CATALOGRÁFICA

B688 Boletim Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdade: cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais da Amazônia e Cerrado / Cartografia Social de Paracatu de Baixo, Mariana (MG) – N. 10 (fev.2020). – São Luís: UEMA Edições/PPGCSPA/PNCSA, 2020.

Irregular.

Coordenação Geral da Pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior e Alfredo Wagner Berno de Almeida.

Coordenação da Pesquisa deste boletim: Andréa Luisa Zhouri Laschefski e Raquel Oliveira Santos Teixeira

ISSN:

1. Desastre. 2. Mineração. 3. Danos. I. Título.

CDU: 528.9.912

(Elaborada por: Rosiane Pereira Lima - CRB 11/963)

Este número do Boletim Informativo da Nova Cartografia Social da Amazônia apresenta o resultado dos mapeamentos realizados na comunidade de Paracatu de Baixo, subdistrito de Mariana (MG), localidade severamente afetada pelo rompimento da barragem de rejeitos de Fundão, pertencente às empresas Samarco, Vale e BHP-Billiton. A cartografia comunitária de Paracatu de Baixo foi produzida através da parceria entre o Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais (GESTA-UFMG) e o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (PNCSA). O trabalho contou com o apoio da Cáritas Brasileira, cuja equipe responsável pela assessoria técnica aos atingidos em Mariana (MG) participou das atividades de mapeamento. Durante o ano de 2017, foram realizadas, com os moradores de Paracatu de Baixo, oficinas e campanhas de campo, visando ao registro das memórias sobre o território afetado e ao levantamento dos danos provocados pelo rompimento da barragem de Fundão. Os testemunhos compartilhados pelos atingidos foram gravados, transcritos pela equipe GESTA e também grafados pelos próprios moradores em croquis que representam a comunidade e os sítios afetados. Os croquis constituíram ferramentas fundamentais ao operarem como roteiros aos percursos realizados in loco na companhia das famílias que, até novembro de 2015, habitavam a localidade. A confecção dos croquis durante as oficinas aliada às campanhas de reconhecimento territorial permitiu não apenas o registro de dados acerca dos bens familiares e comunitários comprometidos pelo desastre, mas o levantamento de informações relativas à territorialidade e à memória do grupo. Essas informações foram compiladas e organizadas nas seguintes categorias temáticas: vivências do desastre, lugares de memória, morada e quintais, vizinhança e parentesco, trabalho, festas e religiosidade. Os depoimentos apresentados neste boletim foram selecionados pelos próprios moradores que participaram da oficina realizada em 23/09/2017. Eles revelam muito sobre a magnitude e a natureza dos danos vivenciados, evidenciando as múltiplas dimensões da despossessão e do sofrimento no desastre ainda em curso

Vivências do Desastre

“Eu escrevi assim: Paracatu de baixo, eu te amo. Escrevi amor, também coloquei saudade”.

Maria Geralda



Cozinha na casa de Maria Aparecida.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Eu mesmo não tava sabendo da história ainda. Aí ele [um amigo que escutava a notícia no rádio do carro] falou: "Ah, a barragem da Samarco arrebentou". Aí mandei minhas meninas pegar o computador de galope, porque na internet podia mostrar, né? Elas foram lá, viram o sinal falando que era as barragens antigas. Aí ligou o rádio, escutou, deu no rádio mesmo [...] Liguei pro meu filho mais velho e ele tava de folga, falou assim: "Oh, papai, um colega mandou mensagem, a barragem estourou". Eu falei: E aí? Será que tem perigo onde eu moro?" Aí ele comigo: "Ah papai, deixa de ser bobo, água não vai aí não" e eu concordei. Eu não

pensei que ia chegar tão alto aqui. [...] Com pouco veio o helicóptero... Veio dois homens do helicóptero já descendo em encontro nosso, veio correndo mesmo: "Oh gente, pelo amor de Deus, chama todo mundo, corre com todo mundo pro alto agora, porque estourou lá a represa da Samarco e eles destruiu Bento Rodrigues. Dou 5 minutos pra vocês correr pro lugar mais alto que tiver". As mulheres que já veio aproximando pra ver o helicóptero de perto, saíram correndo pra trás, chorando com as crianças [...] Quando foi na faixa de oito e meia [da noite] a luz da rua desligou. A lama chegou. Aí chegou aquela zueirada: porco gritando, galinha gritando, cachorro gritando, as madeiras e as paredes da casa caindo. E a noite estava escura. Nosso Deus, acabou com tudo! Aí quando foi duas horas da manhã a turma que tava lá no seu Orico, lá tava cheio de gente, veio matagal afora [...] colocamos minha mãe [idososa] nas costas, passamos de banda, de alto a alto, saindo com ela. A hora que chegamos lá tinha muito carro da Samarco. Tinha uns ônibus esperando a gente... levou nós direto pra Arena [Arena Mariana, ginásio poliesportivo onde foram imediatamente alojados os moradores de Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo]. Eu fiquei uns três dias com aquela zueirada da lama na minha cabeça. Uns três dias com aquilo na minha cabeça, porque é o grito mais triste que tem. A gente tá vendo as coisas morrer, sentindo que tá morrendo e não pode salvar e só aqueles gritos mais tristes do mundo. Ah, não! Aquilo ficou gravado muitos dias na minha cabeça.

Jerônimo



Porteira de Caetano e Luzia na lama.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Televisor na lama, divisa dos terrenos de Vera, Izolina e Angélica.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Angélica segurando a blusa encontrada na lama.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Mensagem 'Paracatu, destruída' na parede da escola.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

Eu tinha acabado de chegar de Mariana [...] Aí a Elizete, só ela que tinha internet aqui, ela falou assim "ô gente, tô vendo aqui na internet que a barragem da Samarco estourou e tá vindo arrebetando tudo". Ninguém acreditou. Daí a pouco o helicóptero veio. Corpo de bombeiro. Eles só falaram: "cinco minutos". O povo ficou doido... correu aqui pra cima que era o lugar mais alto. Isso foi quase cinco horas da tarde. Sair dava, porque cortava por dentro desse mato aqui e saía lá em cima, mas e os idosos? Tem gente de quase noventa anos que ainda não tinha saído de casa quando a lama chegou, só correu pra dentro do mato, custou a chegar no campo. Sofrimento doido que teve aqui.

Ednaldo

|| Agora só ficou uma coisa que dói, a lembrança e a recordação, mais nada. Até que eu vou colocar tudo no devido lugar de novo, eu acho que eu não aguento mais.

Izolina

|| Saudade da minha casa até hoje. Eu ia voltar pra cá, eles que não deixaram por conta da escola dos meninos [...] Ah, eu não gosto da cidade não, já acostumei na roça... Aqui nós ia buscar lenha, nós ia andar pra esse mato afora. Lá [em Mariana] não tem serviço, nós vamos ficar fazendo o que dentro de casa? Só comer e cama. Se você fica em casa desse jeito, você fica brava, não aguenta.

Luciene



Armário da cozinha de Vera tomado pela lama.
Fonte: Acervo GESTA, 2017

|| Bens materiais você constrói, você compra de volta. Mas a lembrança, o que você viveu no lugar, isso não volta mais. Imagina você ser nascida e criada num lugar onde você tinha um divertimento... Ali onde você convivia com todo mundo, você tinha liberdade! É diferente do que você viver hoje em Mariana. Igual eu, eu já estava lá [em Mariana], mas para quem foi levado para lá... Porque vocês acham que meu pai não fica lá? Imagina você ficar vinte e quatro horas dentro de casa sem ter nada para fazer? Daí você enjoa de televisão. Não é igual aqui que você pode sair, tem alguma coisa para você fazer, você conversa com um, vai na casa do outro, você tá plantando uma horta, você tá mexendo em algum lugar. Lá não! Chega dia de sábado e domingo em Mariana você faz o que? Igual eu, no meu caso que a empresa considerou a minha casa como dupla moradia...

Viviane

|| A gente tava aqui tranquilo, a gente saiu corrido pra lá, a gente nem adaptou direito. Eu vivia com salário, que é a pensão do meu marido e eu fazia algum bico. Eu me virava muito bem e lá [em Mariana] não dá. Se for pra mim ficar com salário lá, não dá. Se quiser comer uma folha de couve, tem que comprar. Se não tiver o dinheiro, não come. Tudo é comprado. E mesmo a Samarco dando o salário, se a gente não souber controlar, não dá.

Maria Aparecida (Dadá)



Criança brincando dentro da antiga creche tomada pela lama.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Porta de Eliane arrombada após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

Sei que essa lama, depois que veio, descontrolou a vida de muitas pessoas. Mesmo que a Samarco paga o salário na conta. Mas descontrolou. Não justifica, sabe? Porque todo mundo aqui podia até receber menos, mas tinha coisas que recompensava [...] Você sabia que tava cuidando do que era seu. Hoje tá aqui... cuida da casa dos outros [referência às casas alugadas pela empresa em Mariana]. Então, enquanto eu cuido da casa dos outros é a minha que cai. E se no dia de amanhã a Samarco virar a cabeça? Aí eu volto pra minha casa caindo? Aí onde eu vou arrumar dinheiro pra arrumar ela de novo? Porque o dinheiro que eu tinha, eu empreguei nela.

Maria Geralda

Lugares de Memória

“Sabe uma coisa que eu quero marcar? A saudade que nunca acaba”. *Izolina*



Vista da escola antes do rompimento.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.

Outro ponto é a escola, que é um ponto forte da comunidade [...] Inclusive nas festas de junho, nas Festas Juninas, a escola organizava. Aí tinha a festa de final de ano que fechava as festas da comunidade, a formatura da escola, que era uma festa de gala. Todo mundo se preparava pra ir pra formatura.

Angélica

Aqui começou com poucas casas. As casas que tinham aqui eram todas de pau a pique, cobertas de sapé. Na época que a minha mãe criou a gente, era assim. Então, as que não era de pau a pique era de sobrado. Essa aqui era uma delas... dá pra vocês perceberem as madeiras como que era. Ela é uma das de sobrado. Então quase todas eram assim. Das que tinham são poucas [que restam]. Tinha essa... Ali também tinha uma que era do meu sogro. Hoje não existe mais. O mato tomou conta.

Maria Geralda



Vista panorâmica da comunidade desde o cruzeiro.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Ponte sobre o rio Gualaxo do Norte.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Não tinha concorrência [com o bar do Carlinhos], ele abria cedo, ele vendia de tudo, era mercearia e fechava seis horas da tarde. No domingo antes da tragédia, eu acho até engraçado, a gente foi pro salão [do seu bar, conhecido como Bar do Jairo], dançamos forró, a molecada tava tudo aqui e eu ainda virei pra um rapaz e disse: “o que tá acontecendo que todo mundo resolveu vir pra cá hoje”? Ele foi e falou assim: “é porque aqui é o melhor lugar que tá tendo”. Parecia que a gente tava despedindo.

Soraia



Cachoeira após o rompimento da barragem.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Chama cachoeira Maria Corinto, minha avó. Tinha esse nome porque Maria Corinto morava lá. O marido dela chamava Corinto.

Dona Gracinha

|| Mas a cachoeira é conhecida como cachoeira de Iracema.

Izolina

|| Chama Maria Corinto porque o terreno era da Maria Corinto e depois foi vendido para a Dona Iracema. Então, nessa troca de dono, trocou o nome da cachoeira. De Maria Corinto foi pra Dona Iracema. Na verdade, a cachoeira não tinha um nome, então, ficou a referência do dono do terreno.

Angélica

|| A placa verde era o bar do Jairo. Ali que tinha festa, churrasco, “cervejaiada”, som e a turma sambando a noite inteira. De sexta pra sábado, de sábado pra domingo era um lugar especial. Era gostoso no Jairo porque tinha porção, a mulher dele fazia. Aí, se você tomasse mais de uma caixa de cerveja, você tinha uma travessa de porção de graça. E era gostoso pra caramba! E tinha o bar do Banana também lá em cima [...] Quando o povo enjoava do bar do Jairinho, corria pro boteco do Banana pra comer pastel de queijo.

Izolina



Bar do Jairo antes do rompimento da barragem.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.



Bar do Jairo após o rompimento da barragem.
Fonte: Acervo GESTA, 2017

Uma hora dessas tava tudo aqui atrás do grupo [escola]... Tinha até um banco, uma mesinha deles. Ficavam jogando truco ali a tarde inteira. Todo dia. Começava às três horas... Porque aqui tinha uma pracinha de fora a fora. Ficava Polonha, Seu Doca, Nié... tudo jogando truco. Ficava no truco até escurecer... porque aqui era gramado. Podia vir aqui e encontrar com eles, aí começava a dar sombra, as donas com os meninos pequenos descia, saia dessas casas, ficava tudo aqui batendo papo.

Geraldo

Na parte da tarde a sombra vem aqui pra estrada. Então, a gente juntava a turma aqui de tardezinha, sentava aqui... aquela que tinha doce, trazia doce, a outra, se tivesse cozinhado uma mandioca, vinha com a mandioca. Maria ali, nós atormentava ela, 'ah Maria, e o café?'. Ela fazia o café e nós ficava aqui fazendo graça. Varria, né!? Era tudo limpinho.

Glória



Glória e equipe GESTA/UFMG registrando o pé de ameixa.
Fonte: Acervo GESTA, 2017



Igreja de Santo Antônio após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

Esse que é o encanto do pé de ameixa. Aqui é onde juntava a galera toda. Aí de tarde você vinha aqui, tava todo mundo aqui sentado. E no chão, né!? Não era em cadeira, não. A gente ficava sentado aqui, a turma [toda]. Imaculada vinha com as [filhas] dela, Glória vinha com as dela, Anália, que mora ali, vinha com as dela, tinha Geralda, a Nilza também vinha, outro lá de baixo vinha. A gente juntava todo mundo. Aqui saía piada, história... divertia, sabe? Porque quando tinha alguma atividade, alguma festinha lá embaixo, a gente ia. Quando não tinha nada pra fazer lá embaixo, todo mundo desanimava de descer o morro... [da Rua Furquim]. 'Ah vâmo tomar uma cervejinha, gente? Vâmo?' Às vezes eu ia lá, fritava alguma coisa que tivesse, qualquer trem que tinha lá eu fritava, mandioca... eu trazia e ficava se divertindo aqui. Todo mundo tranquilo. Às vezes ficava até de hora, contando caso, conversando. Então, era muito bom.

Maria Geralda



Time de futebol de Paracatu. Registro antes do rompimento.

Fonte: acervo dos moradores, sem data

Daniel gostava de fazer serenata no ponto de ônibus aqui da escola, onde ele ficava e juntava bastante jovens e eles ficavam lá tocando violão. Eu me lembrei da *lan-house*, porque a gente tinha uma *lan-house*, mas a *lan-house* era aqui entre a casa e a escola, porque a escola tinha *wi-fi* e a diretora liberava o sinal. Aí a noite juntava todo mundo, os jovens sentados aqui na porta da escola [e] a escola fechada. Então, sempre à tardinha, ali pelas seis horas: 'onde vocês vão? Nós já vamos para a *lan-house*'.

Angélica

No centro a gente tinha a igreja e lá de frente à igreja, a gente tinha um banco e a gente sentava lá a tarde pra tomar ar fresco. Aqui [apontando para o croqui] é a Casa de São Vicente, na mesma rua do lado da igreja. Tinha um pezinho de rosa lá ao lado da casa de São Vicente. Lá também tinha o prédio escolar, tinha a casa do tempo integral [escola], tinha o bar do Carlinhos, que era bar e casa... Tinha de Jairo também. De Jairo também é bar e casa. Ele tinha também lá um salão onde tocava umas músicas para o pessoal se divertir. E a gente tinha quadra e um ponto de ônibus que a gente chama lá de gurita, ali pertinho do prédio escolar. E na [rua] Furquim também tinha outro ponto de ônibus [...] A caminho da rua Monsenhor Horta, lá a gente tinha um campo de futebol. Lá no campo tinha um vestiário, tinha a casa da Sandra, tinha a do... e da Dona Maria que é mãe dele. Atrás do campo tinha de Maria Aparecida Simão, que nem sinal a lama deixou.

Maria Geralda



Praça Santo Antônio. Visão da quadra e da igreja antes do rompimento.

Fonte: acervo dos moradores, sem data.



Ednaldo e a equipe do GESTA/UFMG registram a quadra da comunidade após o rompimento.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

A quadra era da comunidade. Era da prefeitura porque a prefeitura fez. Mas assim, ela ficava aberta o dia inteiro, então o dia inteiro tinha gente na quadra. Eram as crianças de bicicleta, os meninos brincando de belisca... Lá tinha o olho de boi, que é uma semente de cipó grande, parecia olho de boi, então eles iam, a menina ficava toda ali e juntava o olho de boi. Eles iam para quadra pra brincar. Então, era um ponto fortíssimo de encontro. E a tarde os homens iam jogar e era assim sempre! Isso era quase todos os dias e no final de semana era mais ainda.

Angélica



Vista da escola e da quadra antes do rompimento.

Fonte: acervo dos moradores, sem data.

Moradas e quintais



Finalização do piso na casa de Caetano e Luzia, registro antes do rompimento.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.



Caetano retirando lama do piso de sua casa.
Fonte: acervo GESTA, 2017.



Porteira da casa de Jerônimo e família antes do rompimento.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.

|| Meu jardim era aqui. Tinha laranja, tinha acerola... ali perto da porteira tinha um pé de mamão. Cada “mamãozão”. Tinha pé de limão. [Hoje, em Mariana] você pega cinquenta reais, vai lá no sacolão... você volta sem um tostão e um tiquinho de trem na mão. Fazer o quê!? Até ver quando Deus ajuda e a gente começa tudo de novo. Nossa, construí minha vida aqui pra acabar assim, né!? Muito triste.

Constância

|| Aqui tinha um pé de goiaba grande. Aliás, olha ele ali... é lá em cima, onde as meninas “gangorrava” e apanhava as goiabas. Esse arvoredado aí que quebrou e eu fiz gangorra pra elas quando elas tavam pequenininhas, elas “gangorravam”, porque aqui era tudo plano, bonitinho, gostoso, na sombra.

- Nós brincávamos na rua.

- Brincava de queimada uma na outra, porque a área aqui era toda cimentada. Ao lado ali na porteira, você já abria a porteira e tinha um pé de jabuticaba grande. Aí eu coloquei um banco...

- Tinha um banquinho que a gente ficava ali chupando jabuticaba.

- Exatamente. Aqui tinha o banco, tinha um pé de jabuticaba grande, aí debaixo do pé de jabuticaba eu fiz um banquinho. Aí ficava sombra o dia todo.

- Olha ele aqui [Sirlene mostra a foto]. Esse aqui é o pé de jabuticaba, aqui dá pra ver o banquinho, aqui a entradinha... A gente ficava sentado no banquinho, deitava, até dormia um sono no banquinho. Tinha um pé de maracujá, eu não sei o que aconteceu, ele não morreu, parece que foi pra lá a rama dele, tá vendo? E ali também tinha um pé de goiaba, que tinha feito uma gangorra nele também, ele morreu... Aqui era muito gostoso!

Diálogo entre Jerônimo e Sirlene (filha)



Cerca de bambu na horta de Aureliana após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Cerca de bambu entre os terrenos de Izolina, Vera e Cor-Jesus/Angélica.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| A cerca de bambu é no meu quintal e minha mãe que me ensinou. A avó, a bisavó que ensinou ela. E em Paracatu é poucos que tinha uma tela na horta, em geral é bambu rachado, Paracatu quase todo.

Izolina

|| Eu tava conversando com Izolina, o espaço que ela tinha era muito grande e ela fez uma cerca de bambu na horta todinha e fez sozinha. Ela cortou o bambu, carregou e depois foi colocando cada uma. E assim tudo certinho, aquela cerca que você olha e fala: 'Que cerca linda'! Impressionante o trabalho dela.

Angélica

|| A maioria das pessoas tinham fogão a lenha em casa. Então, utilizava dessas matas próximo dessas casas, porque a comunidade é assim: tem as casas embaixo e no final sempre tem a mata.

Angélica

|| Aqui eu tinha um fogão à lenha. Foi fincada a estaca, feito uma tarimba e por cima dessa tarimba foi construído o fogão. Ele está aqui de baixo. Fritava carne, porque eu não comprava carne em açougue em Mariana, a gente matava aqui. A gente reunia e comprava aí um garrote. A gente matava, dividia e cada uma saía com o seu. Então, uma costelinha, uma carne de osso, você tinha que ter o fogão a lenha para cozinhar, porque no gás não aguenta, gasta muito. Às vezes eu levava até carne cozida para Mariana, porque você cozinhou, colocou na gordura, não tem problema.

Viviane



Fogão de lenha na cozinha de Glória.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Sr. Sérvulo e equipe GESTA/UFMG na laje da casa de Caetano e Luzia após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.



Assentando o piso na cozinha da casa de Caetano e Luzia antes do rompimento.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.

Essa era a minha casa. Minha casa era um sonho! Eu saía assim e olhava pra trás e falava: 'Nossa, que casa linda é a minha!' Olha, esse terreno todo aqui é meu! Hoje eu falo com eles [crianças], 'hoje vocês vêm e ficam dentro de casa porque não tem quintal pra ir'. Porque aqui todo mundo tinha uma planta, hoje não tem nada! Papai há muitos anos trouxe aquele pau lá e plantou aquela árvore. Era linda, linda aquela árvore. Olha ela lá, essa primeira, olha que linda que ela era. Até daqui uns anos já tem a semente pra gente levar pra nova Paracatu. Papai pegava lenha lá no Gama e trouxe a semente de lá.

Vera

Tudo foi eu que plantei: Laranja, jabuticaba, banana, mamão, abacate. Tinha acerola, tinha mexerica, que deve tá atolada lá no mato. Tinha mandioca, tinha cana. Eu tinha bucha... lá na frente eu tinha a horta. Couve, cebola, salsinha, pimenta biquinho, tinha taioba, chuchu, graviola, alface, mostarda, almeirão. Inclusive, quando a lama chegou, a horta tava toda bonitona lá. Isso a gente não vendia não, dava pros outros, sabe? Vinha gente de Mariana buscar aqui. Vinha pra comprar, mas eu não vendia. Mas, eles davam as coisas pra mim... quem mais buscava verdura aqui era Adriana. Que ela tinha uma feirinha. Aí eu falava: 'Ô Adriana, pode levar, boba'. Mas, ela trazia as coisas pra mim. O que eu não tinha aqui, ela trazia.

Constância



Cerca de bambu de Heli (Galego), registro após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017



Nononha entre as árvores do seu quintal, registro após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017

Parentesco e Vizinhança



Entrada da casa de Jerônimo e família em dia de celebração.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.

|| Ah, tudo aqui era vizinho, praticamente é família [...] Aqui tudo é de meu pai e minha mãe. E aí, nós foi casando e Jerônimo meu irmão ali, eu aqui. Francisco meu cunhado ali, que hoje ele já morreu. Aí a Aparecida e Valdelice que é ali em cima, que é minha irmã. Lá naquele cantinho são os primos, que moram lá naquelas casas, último do canto lá. As casas quebradas era também. Zélia minha irmã na frente ali, quase tudo família aqui.

Paulo

|| É eu, minha esposa e ele ali que é meu filho. A casa dele era do lado de lá, o Heleno. Aqui era eu e minha esposa. E eles vinham todo o fim de semana, trabalhavam em Mariana, vinha todo fim de semana e ficavam aí com a gente, sabe?! Aí tinha o netinho que morava com a gente direto, o Diogo, a mãe dele trabalha.

Paulo



Rua Monsenhor Horta.
Fonte: Acervo Comunitário Paracatu de Baixo, sem data.



Nié segura Izabela [filha de Soraia e Jairo] em frente ao Bar do Jairo antes do rompimento.
Fonte: Acervo familiar Soraia e Jairo, julho de 2015.



Filhos de Alexandra a cavalo na área onde se localizava sua casa, Praça Santo Antônio.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Isso foi herança de meu pai, já isso aqui é do meu marido [se referindo ao terreno onde está sua casa]. Isso aqui não pertence ao de lá não. Quem pertence de lá é só eu que sou irmã de Juliano, aqui é só do meu marido, porque ele comprou. De lá pertence a eu, meus irmãos, tudo pertence de lá.

Luciene

|| Aqui eram sete irmãos, cada um podia fazer sua casa lá na frente. Lá cada um tem sua saída. E no jeito que tava lá [referência ao projeto de reassentamento do novo Paracatu elaborado pela Fundação Renova] não tinha saída. Porque o único que ia ter saída lá, era eu, meu pai, minha irmã. Os outros não ia ter. Aí, falei pra eles: 'você podem refazer isso aqui, porque o terreno nosso não faz o que vocês fizeram aqui não'. Igual aquela rua lá [São Caetano], aquela rua tem o nome do meu pai, digo, meu avô, pai do meu pai.

Caetano

|| Ali era o barraco de Roberto [irmão do Geraldo], que quando Roberto veio morar comigo... eu tenho um paiol ali onde tem aqueles quiabos, ele ficava naquele paiol. Eu achei que não tava ficando legal pra ele ali, aí eu construí esse barraco pra ele. Esse é o barraco que eu fiz pra ele.

Geraldo

|| As sementes eu comprava em Mariana. Um "mucado" de gente me dava muda. Depois que Seu Valdir também começou a mexer com a horta, aí facilitou porque comprava as mudas na mão dele também. Aqui eu plantava o inhame chinês, milho, mandioca, feijão, alface, couve, cebolinha, repolho, tomate das duas qualidades (grande e o pequeno), um pé de limão, pé de laranja cravo, mexerica cravo, um pé de uva, um pé de jabuticaba, mexerica poncã e o tal de pé de manga, eu acho que existe ainda. Eu tinha a minha [horta], a Angélica [vizinha] tinha a dela. Eu compartilhava com a Angélica assim: talvez na casa de Angélica tinha acerola e eu não tinha. Na casa de Vera [irmã e vizinha] tem acerola e eu não tinha. Aí eu plantava mandioca, na casa de Angélica não tinha. Angélica tinha aquele negócio... carambola e eu não tinha.

Izolina

|| A gente usava [os produtos da horta] só pra gente mesmo. Não vendia. Só pra despesa. Quando a gente ia em Mariana a gente comprava uma batata, um tomate. Alguma coisa que a gente não tinha, mas era muito difícil. A gente passava um para o outro também, o que a gente não tinha, o outro dava e o que a gente tinha, trocava, né!? Verdura mesmo, era difícil comprar. Minha tia ali também plantava do outro lado, a gente trocava muita verdura. Quando eu não tinha, ela me dava, quando ela não tinha, eu dava. Trocava com ela. Sempre um trocava com outro. Verdura aqui na roça era difícil comprar.

Aparecida

|| Tinha tudo quanto é verdura com sobra, tudo dava pros outros, só tomate que a gente comprava. Carne, principalmente, a gente não comprava, porque a gente tinha de tudo. Sempre quando os amigos matavam um boi a gente comprava um pernil e colocava no freezer. Porco a gente engordava... matava um porco e quando acabava aquele já tava nos dias de matar outro. E aí rodava o rodízio. A gente quase não comprava certo tipo de coisa, mais era sal, açúcar, arroz. Quase que o açúcar nem precisava, porque ultimamente se não tivesse vaca, principalmente boi, a gente podia cortar cana, fazia pinga, vendia a pinga e comprava o açúcar com o próprio dinheiro, o rodízio. Mas a gente fazia o contrário, dava pras vacas e comprava o açúcar.

Jerônimo

|| Uai, eu tenho saudade da vizinha, do povo, que a gente era amigo lá. A gente tudo era amigo, então, a gente sente saudade. Hoje cada um tá longe do outro.

Constância

|| E os meninos era bicicleta, era subir na árvore, era ter a liberdade de ir pra casa de todo mundo dessa redondeza. E hoje eles estão lá [em Mariana] preso. Igual bicho na jaula mesmo. Eles ficam subindo grade de portão. Aí, de vez em quando eles falam: 'Ôh saudade, eu quero ir embora pra Paracatu.'

Luzia

Trabalho



Galinheiro do Sr. Sérvulo. Estrutura feita pelo morador.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Eu trabalhei uns dois anos fora daqui, o lugar chama Capanema. Eu trabalhava, cortava lenha de machado, pra construir minha casa aqui. Aí eu consegui fazer minha casa. Depois que eu fiz a casa, casei, tive meus filhos todos aqui, oito filhos [...] Aí veio a lama e destruiu todos os sonhos que nós tinha [...] Eu fui aumentando [a casa] aos pouquinhos... Depois eu comprei motosserra. Trabalhei uma temporada, aí eu machuquei... Machuquei o punho, eu fui cortar madeira nessa área da Samarco mesmo, trabalhava na firma [terceirizada da Samarco], tomei um coice de madeira no punho, aí minha mão não enverga aqui. Fiquei três anos: põe gesso, tira gesso... porque não colava de jeito nenhum. Foi até eu aposentar por causa disso aqui [...] Aposentei, continuei mexendo em casa com umas coisinhas pra mim. Aprendi a trabalhar de pedreiro e carpinteiro.

Jerônimo



Canavial da família do Sr. Sérvulo.
Fonte: Acervo Gesta, 2017.

|| Com a cana, antigamente, a gente fazia rapadura, outra hora vendia, fazia cachaça, tinha gente que tinha alambique. Cortava a cana e eles faziam a cachaça na meia. Depois de um tempo pra cá a gente plantava e vendia pro pessoal dar comida pro gado.

Sérvulo

|| Minha esposa trabalhava “picado”, um dia pra um, um dia pra outro. Andou trabalhando pra Rosária [sitante, vizinha], por muito tempo, por dia. Trabalhava em outros lugares também e nossa vida aqui na roça era assim, girando direto. Ela plantava milho, capinava milho, rancava feijão, fazia de tudo, qualquer serviço. E hoje, inclusive hoje, com a gente lá em Mariana, ela não adapta em cidade. Não gosta de trabalhar em casa de família, na casa dos outros. Chamaram pra trabalhar em vários lugares pra fazer faxina, mas ela não adapta em cidade. Chamaram ela pra trabalhar em vários lugares, pra fazer faxina, mas ela não adapta em cidade. Ela gosta de vir trabalhar na roça, aí ela vem trabalhar no Sr. Valdir [em Paracatu], de segunda à sexta, na horta aí embaixo.

Jerônimo

|| Eu vendia doce, vendia queijo, vendia bolo. Eu fazia doce de limão. Mas eles gostavam! Era doce de limão maduro, descascava ele, aí fazia aquela crosta, né? Muita gente gostava, mas eu gostava mais de doce de leite. A gente trazia aqui [em Paracatu] aí depois vendia ovo, galinha de vez em quando, ovo e queijo. Doce era mais direto.

Dona Gracinha

|| Tinha o pessoal que trabalhava na escola: tinha as cantineiras, tinha as faxineiras, três professoras da comunidade. E a relação de serviço que tinha também com aqueles sitiantes do outro lado. Sempre tinha alguém que tava trabalhando pra esse pessoal... [e tinha] o leite que era colocado pra cooperativa lá em Águas Claras, porque com a lama ninguém mais [quis]. Naquele período, lá teve um grande prejuízo. Ainda tinha as pessoas que trabalhavam na rua também [...] e é uma forma de trabalho que tinha lá [em Paracatu], varrendo a rua.

Angélica

|| Eu faço três queijos por dia. Esse aí sai da forma e vem direto pra geladeira. Vendo lá no Rosário, lá no Edmundo, chego e entrego lá. [Antes do rompimento da barragem] eu vendia aqui [em Paracatu]. Vendia por vender, todo mundo aí comprava. O turista também, quando vinha aqui, levava muito queijo.

Sr. Pascoal

Aquele ali era o bar do Machado, o bar do Arlindo... era um “senhor bar”. Ele construiu o bar todinho de pedra. Aí ele fez aquela casinha. Umas quatro casinhas aparelhadas na piscina, de dormir uma pessoa só. Então, ele fez a casinha baixinha, coberta tudo de pedra também, perto da piscina. E frequentava muita gente ali, gente de Belo Horizonte, vinha muita gente ficar no bar do Machado. [...] Era um bar de churrasco e “cervejaiada” todo final de semana. Quando não tinha na Laura, tinha no Jairinho, quando não era no Jairinho, era ali. E tinha o bar do Banana também.

Izolina



Sr. Pascoal e o trabalho com o leite.

Fonte: Acervo GESTA, 2017



Bar do Machado antes do rompimento.

Fonte: acervo dos moradores, sem data.

E, Reginaldo também, esse é o lazer dele, que ele era pintor, punha piso, além de trabalhar de motorista na empresa. Aí depois ele foi mandado embora, ficou numa situação difícil lá, e teve que dar um jeito de contornar. E ele queria vir pra cá do jeito que tava... porque quando os meninos ficavam desempregados, todo mundo voltava pra cá, porque não justificava pagar aluguel.

Luzia

Ali era os “trem” que eu vendia. Que eu vendo Avon, vendia Racco... ficou um monte de produto aí [soterrado na lama]. Perdi. Tive que pagar, né? Olha, minha caixinha! Ali, tem até os produtos [aponta para os produtos no chão]. As professoras compravam, minha vizinha, mamãe mesmo. Meu irmão tinha sapatos que ele vendia. Feminino, sabe? Tava tudo ali também. Minha sogra tava fazendo merenda, quitanda. Arrumei uma freguesia boa pra ela. Aí toda semana ela mandava. Por semana era duzentos, trezentos [reais]. Ela tinha mandado naqueles dias [próximo ao rompimento da barragem] as encomendas de rosca, biscoito de nata, de milho. Ficou tudo aí.

Alexandra



Cosméticos de Alexandra, estoque para a venda.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

Eu trabalhava na casa de Cor-Jésus, na casa de Dedete, Elizete... fazendo faxina. Eu trabalhava na roça para os outros plantando. Eu trabalhei muito no Marinho, plantando cana, capim. Dona Efigênia lá em cima, que tem o terreno que eles dizem que vão comprar pra fazer o caminho pra passar pro novo Paracatu, eu já trabalhei muito pra ela.

Maria Aparecida (Dadá)

Era na hora [sobre a carne fresca que Lourival, vizinho, marido de Leonídia]. Por isso que eu falei: 'Oh meninos, levanta cedo pra vocês buscar carne na casa do Lourival'. Podia ter a geladeira cheia de carne, mas tinha [que] ir no Lourival comprar carne.

Vera

|| [Sobre quem fez o moinho de sua casa]: Foi Zezé [José Lins, seu marido] mesmo. A roda era de pau, aí ele foi no Barretos, Barretos é lá pros lados de Pedras, Campinas. Aí ele era menino ainda, ele viu um “rudiz” [rodízio] com roda de pneu. Aí esse moinho, quando ele casou, o pai dele pegou e deu pra ele [por] que lá a água tinha secado. Ele pegou e fez um “rudiz” [rodízio] de pau, assim umas rodas de pneu, aí apodreceu. Aí ele pediu o primo dele uma roda de carreta, desses caminhão pesado, e foi cortando e fez. Mas todo mundo fica impressionado. Tem muito mais, muito mais [de quarenta anos].

Dona Gracinha

|| Eu trabalhei na região aqui. Trabalhei pra Rosária [sitante da comunidade] porque ela tem terreno aqui. Ela fazia silo duas vezes no ano, aquela baixada dela ali, virando pra trás, essa outra baixada dela todinha aqui também que é na beira do rio. [Aqui] tinha emprego o ano inteiro. E antes disso [do rompimento da barragem] eu tinha a granja. Uns dois anos antes eu acabei com a granja por motivo sanitário. Eu tava produzindo em torno de trinta a trinta e cinco pente de ovo por dia. Mexia só com ovo. Duas dúzias e meia cada pente. E tinha demanda. Eu tinha umas encomendas, o pessoal passava direto pra comprar, vendia nos restaurantes, eu vendia no “sacolão” [e] não dava. Às vezes tinha que sair comprando na mão dos vizinhos: 'ah, fulano, você tem ovo?' [e] juntava com o meu pra entregar pra manter o contrato. Ou seja, vivia da granja. Aí eu fui trabalhar pros outros, vender horta. Mas, vivi muito tempo da granja daqui, meu sustento todo era da granja.

Heli (Galego)



Moinho com mais de 40 anos no Córrego Inhame.
Sítio do Sr. Zé Nhonhô e Dona Gracinha.
Fonte: Acervo Gesta, 2017.



Blocos de cimento feitos pelo Sr. Sérvulo.
Fonte: Acervo Gesta, 2017.

|| - O Café do Monte... [fazenda produtora de café próxima, onde trabalhavam na colheita]

Alexandra

- Café do Monte tá ali, que era uma forma de trabalho também.

Angélica

- Tinha Leco que trabalhava na água.

Heli (Galego)

- Tinha, era funcionário da prefeitura, né? Leco trabalhava mesmo olhando a água, sistema de água. Ainda tinha Lidson, que tava trabalhando na Transcota como trocador. Ana Paula no posto de saúde e a mulher de Carlinho...era Ana Paula e Helena. Evimar era funcionário da prefeitura também, em reformas de casa. Ele reformava as casas pra prefeitura.

Angélica

- Ademir trabalhava no transporte dos alunos pra escola. E ele, inclusive, perdeu o emprego e até hoje não conseguiu trabalhar.

Maria Geralda

Água

|| Tem uma nascente pequena por cima, bem lá em cima, perto do eucalipto. Essa água abastece dez casas... A [nascente] de lá [terreno de Jairo] já é menos. Na rua Gualaxo tem duas lá no alto.

Ednaldo (Carudo)



Primeiro ponto de captação de água no terreno de Luiz.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Tem uma [nascente] aqui no meu terreno do lado de baixo, que ela vem, passa para o lado de cima e esse pessoal aqui tudo usa água do meu terreno. Aqui tem outra nascente, mas ela vai num cano azul e abastece esse povo aqui de baixo.

Angélica

|| E essa parte azul toda aqui [no croqui] é o rio que corta Paracatu. E essa outra parte azul que tem aqui é o córrego, que Paracatu tinha um córrego que cortava. Nascia aqui no terreno do Zé Leão e cortava toda a comunidade até chegar no final da rua Santo Antônio quando ele encontrava com o rio. O córrego não tem nome e o rio é o rio Gualaxo.

Angélica

|| Aqui nós tínhamos um poço d'água... engraçado que a lama veio aqui... A água saía lá de dentro e a lama entrou e secou tudo [...] Essa água foi do tempo do meu avô. Meu avô morreu com noventa anos, meu pai morreu com oitenta anos. Então, meu pai falava que essa água era a filtração da cachoeira, porque quando o rio enchia muito tudo aqui "merejava" água. A água jogava assim [a] mesma coisa quando tá jogando na cachoeira [...] Aí, quando o rio foi abaixando, nunca [faltou água], olha pra você ver, eu vivi cin-quenta e nove anos com a água aqui, todo mundo quando não tinha água na rua, buscava aqui.

Vera



Suporte caixa d'água, limites dos terrenos de Angelica, Izolina e Vera.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Então lá na rua Furquim nós temos duas águas [...] e lá na Praça Santo Antônio também. Lá tem a caixa d'água, tem a represa d'água, onde atende a comunidade. Porque lá tem o reservatório. Além dele, temos a caixa que atende a comunidade. Isso é lá na rua Gualaxo, é a caixa d' água na rua Gualaxo que abastece. A casa da Glória tá aqui e aqui a caixa d' água. Então a gente não tinha problema com água. E hoje a gente tá preocupado com medo da gente ter problema com água. Então, a gente pede muito essa fiscalização antes de tudo, pra gente não ter problema com nada, porque a gente conhece o terreno [terreno da Lucila onde o reassentamento tem sido planejado], todos nós lá em Paracatu conhecemos o terreno. Olhando assim, é muito fácil imaginar que tem muita água, mas a gente pede que primeiro faça uma boa fiscalização pra saber se realmente tem água pra atender essa comunidade, pra gente não ter problema depois.

Maria Geralda

Festas e Religiosidade

|| Começa com a festa de São Sebastião que é em janeiro, mas não era uma festinha muito animada. Era uma festinha, missa e terço, mas tinha. Depois vinha Nossa Senhora, de mês de Maria, no mês de maio, coroação das crianças, coroações das mães, muito bonito. Depois tinha a festa de Santo Antônio. Não, tinha também a missa de São José. A festa de Santo Antônio que é padroeiro do lugar era uma festa bem animada [...] com som, um levantamento de mastro muito bem feito, tudo legal! Tinha som na praça depois da missa e a procissão da bandeira. No domingo tinha missa, a procissão e o resto da noite era som.

Izolina

|| A [festa] do Menino Jesus meu pai trazia o Congado. Tinha escola que vinha apresentar com dança da fita... tinha o Congado mirim que apresentava, tinha os mais maduro. Era uma festa grande! Aí tinha os comes e bebes. Tudo da festa era na casa do meu pai. Porque a Folia de Reis saía, aí o que ela recebia de oferta ia para o Menino Jesus... o meu pai entrava com ele. Dividia com a igreja: a metade era pra igreja e a metade entrava pra festa. E o resto que faltava pra pagar as despesas, os festeiros cobriam. Meu pai sempre colocava cinco da família. E os demais, era dezessete, vinte festeiros. Uma vez quase foi uns trinta. Mas do bolso quase não saía nada, porque tinha muita gente. E era uma festa arrojada. Tinha comida, tinha banda que vinha tocar... Tinha muita coisa que animava a comunidade. Aí vinha Congado. Tinha na Prainha um congado lá do Sumidouro, lá do Ribeirão do Carmo, tinha [de] Monsenhor Horta, dança da fita... Tudo apresentava aqui no dia da festa. Tinha muita barraquinha... Cada barraqueiro contribuía pra igreja.

Maria Geralda



Festa ao padroeiro Santo Antônio, registro antes do rompimento.

Fonte: Acervo dos moradores, sem data.



Festa ao padroeiro Santo Antônio, registro após o rompimento, junho de 2017.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.

|| Ficou uma festa muito famosa a festa do Menino Jesus. Naquele buraco ali na frente, eles faziam aquela trilha de foguetes, quando falava que vai levantar o mastro. Porque o levantamento de mastro não era um não, era dez, doze homens, porque eles queriam um levantamento de mastro [para] ficar na história. Então, no ano que foi a barragem, esse ano foi um ano de história... aquilo eles fizeram uma trilha de foguete assim, óh, fizeram uma trilha como daqui lá, mas eles não fizeram uma só não, fizeram uma, duas, três. Quando começou a cantar pra ele sair com a bandeira da igreja, eles colocaram fogo

primeiro foguete, aquilo parece que a luz tudo eles apagaram, ficou só o clarão dos fogos. O último fogo que saiu, esse foi o que saiu mais lindo, ele deu um estouro, quando ele chegou no meio certo aqui ele desceu a bandeira. A coisa mais linda! No que desceu a bandeira, o padre veio acompanhando até chegar aqui e pegar a bandeirinha. Desse “tamanhozinho” a bandeira... e pegou ela, colocou lá no altar e ela ficou lá. Coitada, deve ter estragado tudo [com a lama].

Izolina



Vista da Igreja de Santo Antônio, bancos em frente à igreja.
Registro antes do rompimento.
Fonte: Acervo dos moradores, sem data.



Folia de Reis antes do rompimento.
Fonte: Fonte: acervo dos moradores, sem data.

A festa de Nossa Senhora Aparecida por último. Era muito chique, muito linda. A carreta saía com duas imagens de Nossa Senhora Aparecida. Aí ela saía daqui e ia à Pedras, Águas Claras, Claudio Manoel, tinha vez que ia em Monsenhor Horta. Descia no trevo lá e saía aqui de novo, aí fazia a volta aqui, rodava e saía tudo aqui a carreta. Mas era assim: moto, carro, caminhão, bicicleta... Aí eles colocavam moto na frente, carros atrás, tinha vez que ia umas bicicletinhas e iam sempre no meio, se caísse tinha como dar socorro. A coisa mais linda era essas carretas de nossa Senhora Aparecida. Ano passado [2016, após o rompimento] ela saiu de Monsenhor Horta, mas quando ela chegou, da entrada de Águas Claras pra cá, ela veio muda. Quando ela chegou descendo pra entrar em Paracatu, ela chegou em silêncio. Ela chegou como um funeral, como um luto. Ela veio muda. Aí saiu daqui, quando chegou em Pedras, soltaram alguns fogos, até em Águas Claras, quando chegou de Águas Claras pra cá ela já veio de luto até chegar aqui. Aí chegou aqui, o encerramento dela você já sabe onde que foi, lá no Banana, na casa do seu Banana que foi o encerramento. Ficou bonito, mas não foi como era antes.

Izolina



Carreta de Nossa Senhora da Aparecida,
chegada da imagem na igreja.
Fonte: acervo dos moradores, sem data.



Procissão durante festa ao padroeiro Santo Antônio.
Registro após o rompimento.
Fonte: Acervo GESTA, 2017.

Porque ela [Igreja de Santo Antônio] era uma igreja normal igual à da Casa de São Vicente. No decorrer do tempo, foi aumentando até chegar no ponto que chegou. E a nossa igreja foi passada por uma ótima reforma. Bem antes da lama. Tinha até material encostado dentro dela ainda... Que tem um menino que trabalhava numa companhia aí. Ele ganhou um presente pra comunidade. Foi até o irmão de Bidel, o Charlie. Aí, a gente colocou cerâmica. Eu tô falando cerâmica, mas tem um nome diferente, colocou barrado lá na igreja, colocou piso... É uma qualidade de piso melhor. Foi coberto o coro todo. A igreja foi pintada. Foi trocada de janela. A igreja tava maravilhosa! Mas, ainda não tinha terminado. Tinha muita coisa pra fazer. Tinha o altar que precisava passar por uma reforma pra ele manter o mesmo original... só que não deu tempo... porque a lama veio e destruiu tudo... E além de tudo, tinha muito material dentro da igreja e que foi tudo embora. Tudo comprado com o dinheiro da própria igreja e também com a ajuda do menino [Bidel]. Aí, juntou a comunidade, juntou todo mundo... esse trabalho era feito de sábado e de domingo. Todo mundo ia lá. Quem sabia e mexia com negócio de pedreiro, quem podia ajudar de servente, outro ia pra carregar uma água, outro ia pra buscar o tijolo [...] é mutirão. Então, tava maravilhoso! Nossa igreja tava linda!

Maria Geralda



Carreata em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Chegada da imagem a igreja de Santo Antônio, registro antes do rompimento.
Fonte: Acervo dos moradores, sem data.

Falei com eles [funcionários da Samarco] outro dia, voltei lá e falei: “Limpa isso aí, essa igreja tá precisando limpar. Morre uma pessoa como é que faz? Na cidade lá em Mariana não pode fazer velório. Tem que vim embora pr'aqui. E pra ficar no meio do campo, na lama? Vocês que tem que dar uma solução”. Eu voltei lá um dia e falei com ele: “Óh, nós vamos parar lá em cima. Se não limpar, nós vamos parar lá mesmo”. Falei: “Óh, picareta nós temos, tem marreta, nós abrimos uma valeta de um metro lá em cima na entrada, nem vai pra Águas Claras e nem pra lugar nenhum e pára o trem tudo aí em cima, eles tão perdido”. Aí tem que vir, uai. Aí vai ter que vir promotor, pra conversar, vai ter que vir prefeito, algum poder da firma tem que vir pra dar uma solução pra nós. E não precisa ser muito não, umas dez pessoas pára aquele trem lá em cima.

Divino



Congado da comunidade de Barroca em frente a Igreja Santo Antônio.

Fonte: Acervo dos moradores, sem data.



Interior da igreja de Santo Antônio após o rompimento.

Fonte: Acervo GESTA, 2017.



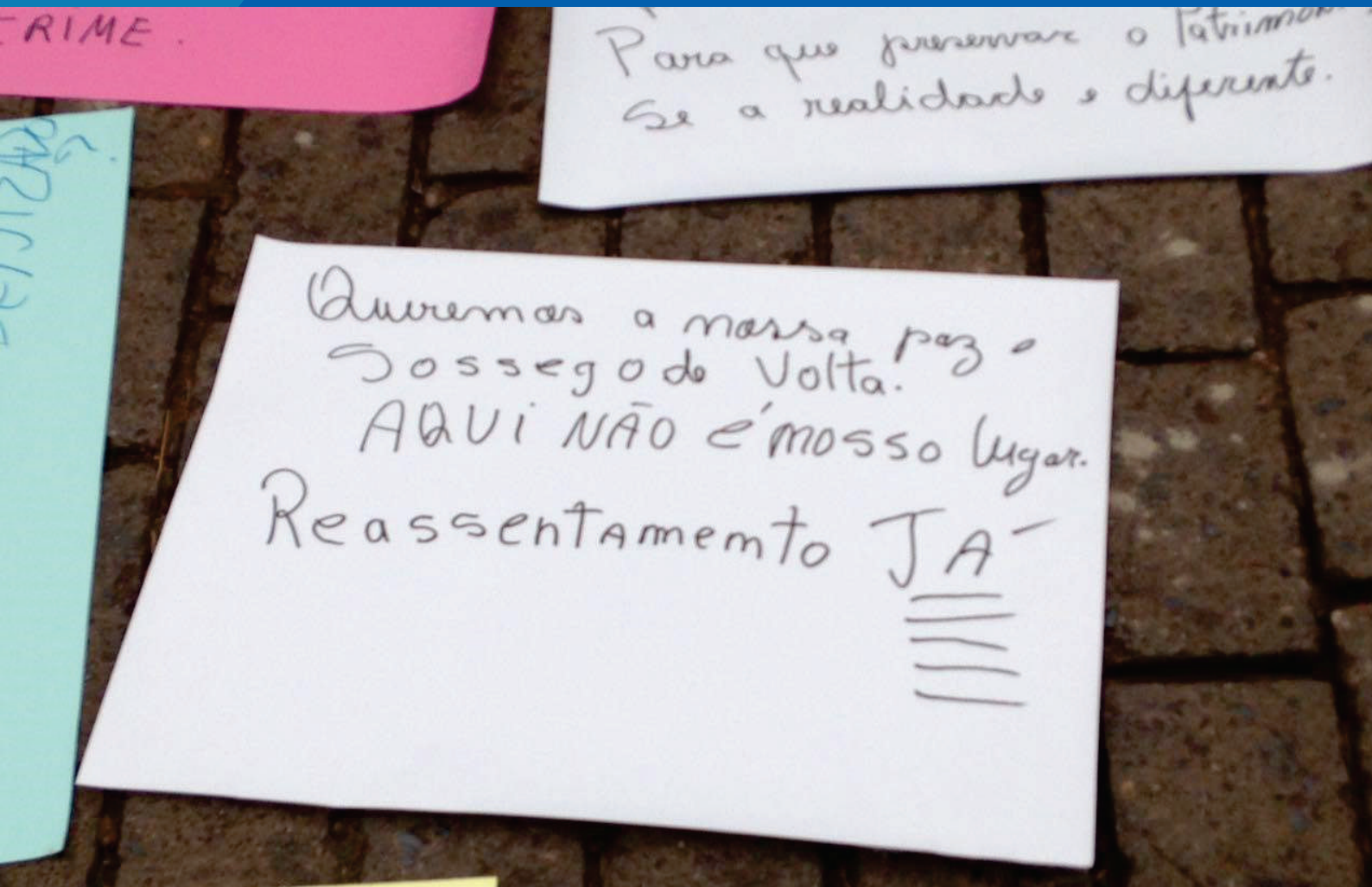
Festa de Santo Antônio em Paracatu após o rompimento. Registro em junho de 2019.

Fonte: Acervo GESTA, 2019.



Claro para a
5/01-2017

o que lhe resta de vida e esperança, futuro melhor.



Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Realização:



Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

